

AS PRAÇAS COMO SÍMBOLOS DA MODERNIDADE E OS PROJETOS DE ROSALVO RIBEIRO DURANTE A ERA MALTINA (1900-1912) EM MACEIÓ - AL

Tharcila Maria Soares Leão¹
Josemary Omena Passos Ferrare²

RESUMO

A transição entre os séculos XIX e XX foi caracterizada por configurar um período de grandes transformações urbanas nas cidades brasileiras, especialmente após a instauração da República. Entre outras coisas, buscava-se dotar as cidades de um aspecto mais moderno e próspero criando uma imagem de cidade que representasse o novo regime político implantado. Em Maceió esse início do século XX foi marcado por um surto modernizador especialmente durante a gestão da família Malta, quando foi contratado o artista alagoano Rosalvo Ribeiro, recém chegado de Paris, que elaborou projetos de remodelação para as principais praças da cidade. O presente artigo busca demonstrar o papel desses espaços públicos como símbolos da modernidade almejada naquele momento. A partir da análise conjunta de cartões postais, relatórios e demais documentos primários, buscar-se-á fazer emergir a ação do artista Rosalvo Ribeiro na modernização da cidade e, decorrentemente, ampliar o conhecimento acerca de sua obra.

Palavras-chave: modernização urbana; praças; Rosalvo Ribeiro.

¹ Arquiteta e Urbanista, doutoranda pelo Programa de Doutorado em Cidades da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), professora do curso de Design de Interiores do Instituto Federal de Alagoas (IFAL). E-mail: tharcila.leao@hotmail.com

² Arquiteta e Urbanista, professora associada do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

PUBLIC SQUARES AS SYMBOLS OF MODERNITY AND THE PROJECTS OF ROSALVO RIBEIRO DURING THE ERA MALTINA (1900-1912)

ABSTRACT

The transition from the centuries XIX to XX was marked by a period of great urban transformations on Brazilian cities specially after the establishment of the Republic. It was common to seek adding a modern and prosper aspect to the cities, among other things, in order to create an image that represented the new political regime recently established. In Maceió, the beginning of the XX century was marked by a modernizing outburst specially noted during the administration of the Malta family, when the artist from Alagoas, Rosalvo Ribeiro, recently coming from Paris, was hired to design projects to remodel the main squares of the city. This paper aims to demonstrate the role of those public spaces as symbols of the desired modernity of the time. From the analysis of postal cards, reports and other documents, the role of the artist Rosalvo Ribeiro on modernizing the city will be brought to surface, and consequently the knowledge on his work will be broaden.

Keywords: Urban modernizing; Squares; Rosalvo Ribeiro.

LAS PLAZAS COMO SÍMBOLOS DE MODERNIDAD Y LOS PROYECTOS DE ROSALVO RIBEIRO DURANTE LA ERA MALTINA (1900-1912).

RESUMEN

La transición entre los siglos XIX y XX se caracterizó por configurar un período de grandes transformaciones urbanas en las ciudades brasileñas, en particular después de la instauración de la República. Entre otras cosas, se buscaba dotar a las ciudades de un aspecto más moderno y próspero creando la imagen de una ciudad que representara el nuevo régimen político implantado. En Maceió, ese inicio del siglo XX fue marcado por un intenso impulso modernizador especialmente durante la gestión de la familia Malta, cuando se contrató al artista alagoano Rosalvo Ribeiro, recién llegado de París, para elaborar proyectos de remodelación de las principales plazas de la ciudad. Este artículo busca demostrar el papel que tales espacios públicos tuvieron como símbolos de la modernidad anhelada en aquel entonces.

A partir del análisis conjunto de tarjetas postales, informes y demás documentos primarios, se buscará que se evidencie la acción del artista Rosalvo Ribeiro en la modernización de la ciudad y, al mismo tiempo, que se amplie el conocimiento acerca de su obra.

Palabras clave: modernización urbana; plazas; Rosalvo Ribeiro.

1. INTRODUÇÃO

Segundo Diegues (1939) entre fins do século XIX e início do século XX ocorreu um surto progressista em Maceió que se refletiu diretamente na arquitetura e no uso dos espaços públicos e que perdurou até 1920. Esse surto que se acentuou de forma ascendente ocorreu devido, principalmente, à maior autonomia dos governos municipais que, a partir da instalação da República em 1890, puderam investir mais nas cidades e oferecer maiores possibilidades de progresso (Diegues, 1939). Com a instauração desse novo regime político, urgia a necessidade de criação de uma nova imagem das cidades que transmitisse a ideia de um novo governo forte, estável e moderno. De acordo com o autor, foi um período de grandes mudanças que intencionavam modificar o aspecto colonial remanescente na cidade: “O necessário era fazer a cidade; urbanizá-la como que para lhe tirar os ares passadistas que tinha. Abrem-se e alargam-se ruas; constroem-se praças.” (Diegues, 1939, p. 201) (grifo nosso).

Nesse período foram edificados prédios públicos, residências e palacetes com arquitetura imponente que, além de buscar criar essa nova imagem da cidade, ressaltavam a estética urbana, principalmente nos bairros do Centro e Bebedouro. De acordo com Ferrare (1999) junto com as mudanças na arquitetura mudaram-se também os hábitos da população:

Foi exatamente a frenética atração pela rua que viria a fomentar uma expansão tipológica e estética no casario que ladeava as ruas urbanas tão apreciadas nos lentos passeios à pé, para os quais as pessoas da sociedade se adornavam, acompanhando o gosto das indumentárias da última moda, vinda dos grandes centros, para exibirem-se. (Ferrare, 1999, p.1)

Atreladas a essas mudanças de hábitos e à necessidade de modernizar a cidade, buscava-se cada vez mais o distanciamento do aspecto colonial de Maceió. Com esse objetivo foram criadas leis e decretos que determinavam a mudança nas fachadas das edificações e que acabavam por impor um novo padrão estético para a cidade:

A lei n. 87 de 26 de janeiro de 1905, considerando uma boa hora o aspecto detestável que oferecia a construção de nossa capital afeiada pela casaria antiga de biqueira, baixa e asymetrica na sua quasi totalidade, estabeleceu o prazo de 6 meses, e multa de 100\$000 depois deste praso para todo proprietário construir platibanda e fazer canalisação das aguas das casas que supportassem taes exigências. (Marques, 1906, p. 3) (grifo nosso)

Embora tendo encontrado a resistência de alguns “retardatários” que acharam tal medida “vexatória e violenta” foram construídas durante os dois anos da gestão de Manoel Sampaio Marques um total de 494 platibandas que conferiram um “aspecto mais agradável e mais compatível com os nossos foros adiantados” (Marques, 1907, p. 10). Essa determinação de construir platibandas para modificar o aspecto “afeiado” e “detestável”, aumentando a altura da edificação e deixando-a mais imponente, demonstra a necessidade que os gestores viam de dotar a cidade do aspecto mais moderno que já pairava nas demais capitais do país. As casas baixas de biqueira remetiam ao período colonial e eram, portanto, consideradas ultrapassadas, enquanto que as casas com platibandas, mais altas e mais imponentes, remetiam ao moderno, ao civilizado.

A rua, anteriormente marginalizada, passou naquele momento a ser frequentada pelas classes mais altas da sociedade. Era tida como sinônimo de modernidade e as intervenções realizadas nela e no seu entorno buscavam difundir esse ideal. Tal fato pode ser constatado quando alguns anos depois e com esse objetivo de modernizar a cidade, a Lei Municipal nº 167 de 1923 proibiu a construção de casas térreas na Rua do Comércio. A modificação das fachadas passou assim a configurar um símbolo de modernização e civilidade, que demonstrava, por meio da arquitetura, o progresso e o desenvolvimento econômico e cultural tão almejados. De acordo com Moura (2000, p. 72) “a dualidade, cidade atrasada versus cidade moderna, começava a se impor” e nos discursos, especialmente dos gestores das cidades e dos engenheiros, se explorava cada vez mais a ideia de oposição entre cidade limpa e suja, bela e feia, moderna e atrasada. Sob tal tônica discursiva se condenava tudo que dizia respeito à cidade antiga, colonial e foram tomadas as providências, vistas como cabíveis, para transformar a cidade em um local salubre, belo, moderno e civilizado.

A tentativa de mudar o aspecto provinciano da cidade, afastando-a cada vez mais de seu passado colonial, elegeu os jardins, as praças e demais espaços públicos como elementos chave dessa mudança, especialmente após a proclamação da República que, segundo Moura (2000, p.75), tomou a cidade como símbolo do ideário republicano para ser civilizada e modernizada. Tal tentativa, em Maceió, se implementou durante a gestão da família Malta, entre 1900 e 1912, quando as transformações urbanas, declaradamente com intuito modernizador, passaram a

ocorrer com maior ênfase, especialmente nas praças e espaços públicos, que foram “embelezados” à moda eclética e reformados sob esta ascendência estilística dotando a cidade de ares mais modernos.

Com o objetivo de divulgar a imagem das cidades civilizadas a partir da instauração do novo regime político, a circulação de imagens desempenhou um papel fundamental. Era preciso mostrar para o mundo a Maceió moderna e civilizada com seus espaços ajardinados e suas edificações imponentes. Essa imagem de cidade moderna que se construiu aos poucos na virada do século XIX para o XX com intervenções urbanas por parte do poder público e imposições por meio da legislação local eram amplamente divulgadas.

Com esse intuito, em 1902 foi lançado o Indicador Geral do Estado e em 1908 o Álbum Ilustrado do Estado de Alagoas, duas publicações que objetivavam divulgar a imagem de Alagoas e, particularmente, de Maceió. Os bilhetes postais desse início de século também nos mostram a representação de “progresso e desenvolvimento material e intelectual” por meio da presença de edifícios públicos imponentes retratados e tomados como símbolos do progresso, como o Palácio do Governo e o Teatro Deodoro (Figuras 1 e 2), inaugurados nesse início de século. Em 1908 com essa mesma intenção de divulgar o estado de Alagoas e a capital Maceió, o estado participou da Exposição Nacional (Figura 3), que ocorreu no Rio de Janeiro. De acordo com nota publicada no jornal Gutenberg de 23 de Abril de 1908, foi formada uma comissão presidida por Euclides Malta e que contava com a participação do artista Rosalvo Ribeiro³ para angariar e selecionar os produtos que seriam expostos de modo a mostrar para o país a produção agrícola, comercial e artística do estado.

³ Rosalvo Ribeiro foi um alagoano nascido em Marechal Deodoro em 1865. Aos 20 anos ingressou na Academia de Belas Artes do Rio de Janeiro e em 1888 viajou à Paris com uma bolsa concedida pelo governo alagoano para estudar na Academia Julian. Posteriormente ingressou na École des Beaux-Arts onde produziu pinturas representativas e consagrou-se como pintor. Ribeiro retornou à Maceió em 1901 onde assumiu o projeto de estátuas e praças para a cidade e lecionou desenho em escolas locais (Fonte: <http://www.escritoriodearte.com/artista/rosalvo-ribeiro/>).



Figura 1 - cartão postal retratando o Palácio do Governo.
Fonte: Campello, 2009.



Figura 2 - cartão postal retratando o Teatro (no fundo à esquerda) e a Praça Deodoro.
Fonte: Campello, 2009.



Figura 3 - Capa do Álbum lembrança da Exposição Nacional de 1908 no Rio de Janeiro.
Fonte: Álbum lembrança da Exposição Nacional de 1908. Disponível em:

<https://ufpadoispontozero.wordpress.com/2014/08/25/album-lembanca-da-exposicao-nacional-de-1908-rj/>

Diante do exposto e na tentativa de discutir os ideários que nortearam as propostas de remodelação dos principais espaços públicos durante a gestão Malta, o artigo tomará como fonte os documentos oficiais (relatórios e ofícios) dos gestores e engenheiros e as fotografias e bilhetes postais veiculados no início do século XX.

2. A MODERNIZAÇÃO DAS PRAÇAS DURANTE O GOVERNO MALTA

As praças e espaços públicos, por terem se tornado espaços de grande visibilidade para a população foram elementos cruciais para a mudança do aspecto colonial da cidade de Maceió. Tenório (1997) afirma que nesse período esses locais, anteriormente utilizados apenas pelos setores marginalizados da sociedade (negros, vagabundos e prostitutas), também passaram a ser frequentados pelas famílias das classes mais abastadas, tornando os passeios um hábito frequente.

Essa descoberta da rua e da praça é uma oportunidade de contacto entre homens e mulheres para trocar ideias, discutir frivolidades, cultivar vaidades na amostra de chapéus, vestidos, sapatos e novidades da moda trazidas pelos vapores de Jaraguá (Tenório, 1997, p.25).

As classes mais altas da sociedade já frequentavam os espaços públicos, as ruas e praças como forma de lazer e de mostrar as últimas tendências da moda europeia que adquiriam nas lojas da Rua do Comércio que vendiam chapéus, fazendas e demais produtos importados (Figura 4). A influência europeia se deu nesse período por meio da etiqueta, da moda, da arquitetura e, também, das reformas nas praças e jardins que passaram a ostentar elementos e traçados que remetiam aos jardins europeus.

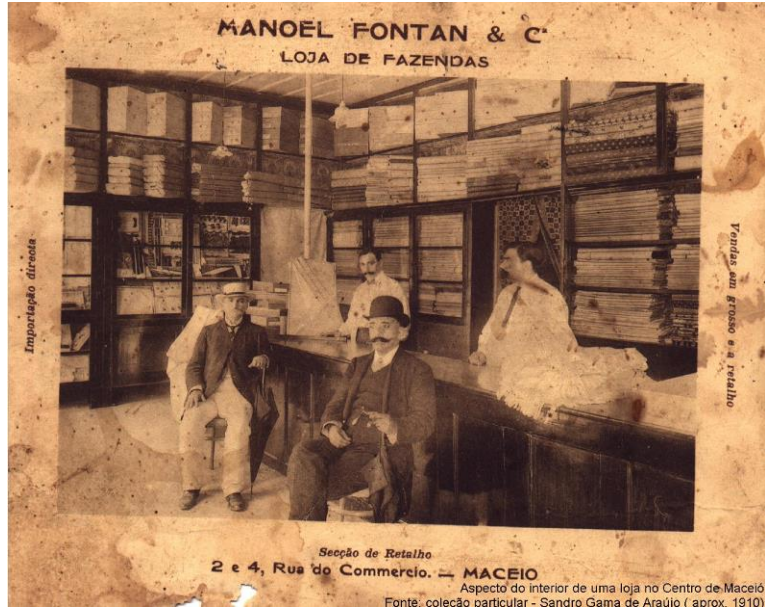


Figura 4 - Interior da loja de fazendas Manoel Fontan & C, na Rua do Comércio no início do século XX.
Fonte: Coleção particular de Sandro Gama de Araújo.

De acordo com Lima (2014, p. 155) “em 1901, quando se iniciou o século XX, Maceió era uma aldeia grande”, onde no final da primeira década do século XX ainda faltavam vários itens de infraestrutura básica: água potável, sistema de esgoto, mercados e calçamento na maioria das ruas. Mas, a necessidade de criação de uma imagem de cidade civilizada e próspera era latente, e a remodelação dos espaços públicos passou a ser umas das prioridades da gestão em detrimento das obras de infraestrutura básica.

Conforme já foi tratado, é nesse contexto de mudanças progressistas e impulso à modernização que surge o movimento eclético na arquitetura e que também influenciou os projetos de praças em Maceió. De acordo com Ferrare (1999) o movimento eclético favoreceu-se do encantamento da burguesia pela novidade, processo marcante nesse início de século e, pelo que se pode perceber, incluía as praças e jardins como *locus* alvo de convergência. E, de fato, para estes espaços convergiam as mais variadas aquisições de equipamentos das municipalidades da “última moda”: bancos, coretos, gradis de ferro, estatuetas de ferro fundido e de bronze, entre outros elementos e materiais emergentes da industrialização que “jorrava” novidades.

Foi durante o governo da família Malta em Alagoas, especialmente no governo de Euclides Malta, no início do século XX, quando essas transformações urbanas foram postas em prática com mais ênfase, especialmente nas praças e jardins da capital do estado que foram “embelezados” à moda eclética e reformados dotando a cidade de ares mais modernos. O longo período de quase uma década e meia em que a família Malta governou Alagoas (entre 1900 e 1912) ficou conhecido como “Era Maltina” (Tenório, 1997) ou oligarquia Malta, quando se

alternaram no governo do estado Euclides Malta e seu irmão Joaquim Paulo Vieira Malta. Fundador da oligarquia Malta, Euclides adquiriu popularidade e apoio em Maceió por meio de diversas obras públicas que tinham como principal objetivo modernizar a cidade. Entre as principais obras estão a construção do Teatro Deodoro, a finalização do Palácio dos Martírios (ambos projetados pelo arquiteto italiano Luigi Lucariny) e a remodelação dos principais espaços públicos da cidade, algumas com projeto do artista Rosalvo Ribeiro.

Nesse período não foram poupados esforços nem verbas para a criação dessa imagem de capital civilizada, bela e próspera. Os relatórios dos intendentess municipais demonstram que as despesas gastas com a manutenção e reforma dos jardins públicos existentes entre 1905 e 1908 (quando, depois das reformas, viriam a ser chamados de praças ajardinadas) superaram as despesas com obras públicas. Tal fato demonstra a atenção que era dada a esses locais e sua importância no contexto urbano da época. No ano de 1905, por exemplo, de acordo com mensagem de Antonio Carlos Nogueira, intendente municipal, foram gastos 200\$000 (200 mil réis) a mais com os jardins do que com obras públicas; e nos anos de 1906, 1907 e 1908 a quantia gasta com os jardins cresce exponencialmente (Ver Tabela 1). Este crescimento reflete de forma direta o quanto o governo passou a priorizar as atuações de infraestrutura física nas praças e espaços públicos ajardinados.

Tabela 1 - Quadro com despesas entre 1905 e 1908.

Natureza da obra	Ano de 1905	Ano de 1906	Ano de 1907	Ano de 1908
Obras públicas	1:500\$000	1:500\$000	1:800\$000	1:800\$000
Jardins públicos	1:700\$000	3:700\$000	6:060\$000	11:160\$000

Fonte: Nogueira, 1909.

3. OS PROJETOS DE ROSALVO RIBEIRO

Nesse período de mudanças na cidade, Rosalvo Ribeiro retornou a Maceió, sendo contratado para elaborar os projetos de algumas das principais praças da cidade. Recém chegado de uma temporada de treze anos de estudos em Paris, Ribeiro parecia ser a pessoa mais adequada para assumir a autoria dos projetos das praças, uma vez que trazia consigo toda uma bagagem de ideias e conhecimentos acerca da estética parisiense, modelo de civilidade e modernidade tão

almeçadas naquele momento. No início, no entanto, mesmo com todo o conhecimento adquirido na França, Rosalvo Ribeiro não se adaptou à realidade local e sua atividade artística foi drasticamente reduzida. Limitou-se a fabricar flores de papel, lecionar francês, desenhar vestidos de noiva e, posteriormente, a lecionar Desenho na Escola Normal (Campos, 1993). Contudo, como essas atividades não obtiveram tanto sucesso, elaborar os projetos das praças parece ter sido uma das melhores formas de colocar em prática todo o conhecimento adquirido fora do país.

O primeiro espaço que foi alvo de projeto de remodelação por Rosalvo Ribeiro foi a Praça Wanderley de Mendonça, conhecida também como Praça Dois Leões no bairro do Jaraguá. Essa praça, em meados do século XIX abrigou o Jardim do Jaraguá, o segundo jardim público construído em Maceió. Situado nas imediações do Porto do Jaraguá, fundamental para o crescimento econômico e desenvolvimento urbano de Maceió, o Jardim do Jaraguá tornou-se no século XIX um ponto focal para os viajantes que chegavam e partiam da cidade por via marítima. No entanto, no século XX, durante a gestão Malta, o jardim encontrava-se deteriorado e com o objetivo de aformoseá-lo e modernizá-lo, em 26 de janeiro de 1905 um dispositivo da lei n. 87 autorizou sua demolição para reforma:

Realmente o que ali ostentava o nome de jardim não passava de um local destinado ao agasalho dos animais vagabundos daquele bairro. Foi, pois, meu primeiro cuidado reformá-lo, como dezeitava, emprestando-lhe um aspecto que bem dissesse com o nosso adiantamento moral e progresso material (Marques, 1906, p. 6) (grifo nosso).

Uma das maiores preocupações da gestão na remodelação desse espaço era a criação de uma imagem que remetesse ao “progresso material” e ao “adiantamento moral”, ou seja, a criação de uma espécie de cenário, uma vez que as praças remodeladas eram utilizadas principalmente pelas famílias ricas e de classe média. Além disso, enquanto as praças eram remodeladas aos moldes europeus, a cidade carecia de toda uma infraestrutura básica de distribuição de água, calçamento de ruas, sistema de esgoto, entre outros.

Rosalvo Ribeiro elaborou o projeto para o Jardim do Jaraguá no ano de 1906, transformando-o em praça ajardinada (Marques, 1906), quando passou a ser denominado Praça Wanderley de Mendonça. De acordo com Silva (2007) o emprego do termo “jardim” estava vinculado ao caráter, de certa forma, privativo do local, encerrado por gradis e portões e que tinha seu uso controlado, mesmo em se tratando de um espaço de caráter público. Essa mudança na toponímia parece refletir uma intenção de modernidade, especialmente no modo de vida da população e nos usos do espaço público. Espaços que anteriormente tinham seu uso controlado,

com a chegada do século XX passam a ser totalmente abertos ao público, sem o uso dos gradis, denotando uma mudança ou uma intenção de mudança nos hábitos da população que poderiam naquele momento usufruir sem restrições da “praça modernizada” aos moldes europeus.

No projeto, o gradil circundante foi retirado e seu traçado rígido demonstrava a influência do estilo francês, dispoendo as plantas de forma simétrica e inserindo palmeiras imperiais, dando ao local *status* de cartão postal, sendo retratado em alguns bilhetes postais da época, enfatizando sua importância como porta de entrada de Maceió. Em seu centro, uma fonte em formato circular com obelisco fazia composição com estátuas decorativas de animais, lampiões, bancos, e outros elementos vindos da Europa e, principalmente, da França da famosa Fundição Val D’Osne⁴ (Figura 5). Mais uma vez, ficava nítida a preocupação com a criação de uma imagem que remetesse ao progresso material, à salubridade advinda com a inserção de vegetação de grande porte que possibilitasse sombreamento e à estética do local. Para tanto, se buscava inspiração na importação de modelos europeus, especialmente os franceses, tidos como símbolos da modernidade e da beleza:

Alem das frondosas arvores que o ensombram o jardim tem como ornamento uma bella estatua da Liberdade graciosos animaes em bronze em elegantes pedastaes de alvenaria e um artístico kiosque de madeira.

E´ illuminado por 11 poderosos fócios de luz electrica, erguidos em artisticos postes de ferro fundidos na Allemanha (Marques, 1907, p. 19).



⁴ Fundições do Val d’Osne (Fonderies du Val d’Osne) foi o principal centro de fundição artística da França que forneceu diversas peças artísticas em ferro fundido para vários países como Chile, Argentina, Paraguai, Uruguai e Brasil. Em Maceió, atualmente ainda podem ser visualizadas algumas estátuas e postes em ferro fundido no bairro do Jaraguá.

Figura 5 - Praça Wanderley de Mendonça, inicialmente conhecida como Jardim do Jaraguá, início do século XX. S/d. **Fonte:** acervo digital do Museu da Imagem e do Som de Alagoas.

Outro projeto elaborado por Rosalvo Ribeiro foi para a atual Praça Marechal Deodoro, conhecida nos primórdios como Praça da Contiguiba e Praça da Princesas (Fortes, 2011), localizada em frente ao Teatro Deodoro (Figuras 6 e 7). De acordo com Moura (2000), no final do século XIX e início do XX o discurso de embelezamento e aformoseamento das cidades brasileiras ganhou evidência e pode ser observado na inserção dos teatros e outras edificações monumentais construídos durante esse período. Para a autora, o teatro podia ser considerado “um dos equipamentos que melhor representava os conceitos de progresso e civilização almejados pela sociedade”, que continuavam ligados às preocupações com a estética e a higiene das cidades. Essa importância do teatro na paisagem urbana justifica, portanto, a reforma da praça à sua frente com o projeto de Ribeiro de modo a criar um local que valorizasse sua fachada e propiciasse um local de integração antes e depois dos espetáculos.



Figura 6 - Praça Deodoro após a implantação do projeto de Rosalvo Ribeiro. S/d.
Fonte: Acervo digital do MISA.



Figura 7 - Praça Deodoro, início do século XX, S/d.

Fonte: Campello, 2009.

Inaugurada em 03 de maio de 1910, alguns meses antes da inauguração do Teatro Deodoro, de acordo com Araújo (2002) o projeto da praça foi inspirado na *Place de La Concorde* de Paris. A praça recebeu um traçado simétrico, tendo seus passeios delimitados por balaustradas de alvenaria e em seu centro a estátua equestre do Marechal Deodoro (Figura 8). No interior da praça foram inseridas algumas mesas, possivelmente para auxiliar nas aulas de desenho que Rosalvo Ribeiro ministrava no Liceu que se localizava no entorno. Nas quatro extremidades da praça foram colocadas estátuas de autoria de Mathurin Moreau, advindas da Fundação Val D'Osne, que representam os continentes africano, americano, europeu e asiático por meio de caçadores lutando com animais nativos de cada continente (Figura 9). Da mesma fundição também são as luminárias distribuídas ao longo da praça (Azevedo, 2014). Árvores foram plantadas ao longo dos passeios e foram inseridos canteiros simétricos nas proximidades das balaustradas e da estátua do Marechal Deodoro. O traçado rígido e simétrico, o ponto focal central definido pela estátua equestre e o uso das estátuas em ferro fundido importadas da França demonstram mais uma vez como o ideário de modernidade nos projetos de remodelação das praças de Maceió estava vinculado ao gosto e estilo parisiense.



Figura 8 - Monumento em homenagem ao Marechal Deodoro.
Fonte: Campello, 2009.



Figura 9 - Estátuas de Mathurin Moreau representando os quatro continentes.
Fonte: Azevedo, 2014.

Na década de 1930 a praça projetada por Ribeiro ainda permanecia como um dos locais mais bonitos e importantes da cidade, apresentando apenas alguns indícios de deterioração nas luminárias de ferro francesas (Bittencourt, 1987). Ainda de acordo com o autor:

Havia perfeita harmonia entre ela e as não menos importantes edificações ali também erigidas: Teatro Deodoro, Tribunal de Justiça e Grupo Escolar D. Pedro II [...] Seus bancos eram de tiras de madeira de lei com pés de ferro e ficavam protegidos pela sombra frondosa e acolhedora de seus bem tratados oitizeiros.

Neles, sentavam-se turistas para contemplar a beleza da obra ali implantada. Os aposentados e o pessoal em gozo de férias deles se serviam para um bom e sossegado bate-papo. (Bittencourt, 1987, p. 25)

O local que hoje abriga a Praça Marechal Floriano Peixoto, conhecido inicialmente como Largo dos Martírios (com a conclusão em 1885 da igreja homônima) também foi remodelado com projeto de Rosalvo Ribeiro. A praça passou a representar o poder estadual no primeiro mandato de Euclides Malta com a finalização e inauguração do Palácio do Governo, projeto de Luiz Lucariny, que ocorreu em 16 de setembro de 1902. Nesse momento, a praça ainda recebia a denominação de largo, era desprovida de canteiros projetados e mobiliário e era cortada pelos trilhos do bonde.

De acordo com nota publicada no jornal Gutenberg de 4 de junho de 1908, a primeira obra de melhoria do Largo dos Martírios teve início em 1907 e foi autorizada pelo intendente da capital, o engenheiro Antônio Guedes Nogueira. A obra teve início com ações de nivelamento e com a demolição da calçada da Igreja dos Martírios e reforma de sua escadaria, que foi recuada em relação ao largo e teve sua dimensão diminuída, recebendo balaústres de alvenaria no acesso à Rua do Sol (Figura 10).

O projeto de Rosalvo Ribeiro consistia em um traçado geométrico com três passeios, um que cortava a praça em direção à Rua do Comércio e à Avenida General Hermes e outro que circundava toda a praça. No cruzamento dos passeios havia o monumento à Floriano Peixoto instalado em um semicírculo. Luminárias em estilo *art nouveau*, também adquiridas na Fundação Val D'Osne e bancos são instalados de maneira esparsa ao longo dos passeios. A vegetação consistia em árvores que circundavam e delimitavam a praça e flores na parte mais alta (Figura 11). De acordo com Lima (2012 como citado em Azevedo, 2014 p. 54):

[...]o espaço passou a se configurar em dois planos, sendo um ligeiramente inclinado e destinado à plantação de flores, no centro do qual existia um aquário; e o outro, plano, destinado a exercícios militares, no centro do qual foi erguido o busto do “invicto” Marechal.

O monumento em bronze em homenagem ao Marechal Floriano Peixoto configurava o ponto focal da praça. Encomendada ao escultor Angeli Angiolo, que residia em São Paulo, o busto foi solenemente inaugurado em 11 de junho de 1908 com a presença das autoridades locais e com retretas musicais no período noturno.



Figura 10 - Igreja dos Martírios retratada em bilhete postal, antes da reforma de sua escadaria, s/d.

Fonte: Campello, 2009.



Figura 11 - Praça dos Martírios com igreja homônima ao fundo, após projeto de Rosalvo Ribeiro, 1909.

Fonte: Arquivo Público de Alagoas.

Assim como as demais praças projetadas por Rosalvo Ribeiro para Maceió neste início de século XX, a Praça Marechal Floriano Peixoto, conhecida atualmente como Praça dos Martírios, continha em seu projeto a influência francesa que norteava as ações da gestão nos espaços públicos das cidades brasileiras neste período. O traçado rígido, simétrico, o uso de peças em ferro fundido adquiridas em fundição francesa, a utilização de bancos de ferro e madeira, a definição de pontos focais centrais por meio da inserção de obeliscos, bustos e estátuas, são elementos que buscavam afirmar a tônica moderna e afastar a atrasada imagem de cidade colonial arraigada a largos desprovidos de projeto, mobiliário e, muitas vezes, de vegetação.

4. DEMAIS PRAÇAS REMODELADAS DURANTE A GESTÃO MALTA

Além das praças projetadas por Rosalvo Ribeiro, outros espaços públicos foram remodelados durante a gestão Malta. Entre esses espaços, a obra de maior impacto foi a remodelação da atual

Praça Sinimbu, inicialmente denominada Praça do Quartel da Polícia, Praça Dr. Campos Salles (pela lei n. 53 de 2 de março de 1899) e Praça Euclides Malta (pela lei n. 71 de 6 de Janeiro de 1903) em homenagem ao presidente da província que a remodelou (Fortes, 2011). Nesse período, o Riacho Maceió (conhecido atualmente como Riacho Salgadinho) ainda margeava um de seus lados⁵ e ela constituía a ligação entre os principais bairros da cidade: Maceió e Jaraguá, que era feita através da Ponte dos Fonseca.

Em seu entorno situavam-se edificações importantes, como a CATU (Companhia Alagoana de Trilhos Urbanos), o Lyceu de Artes e Officios, que posteriormente cedeu lugar à Escola de Engenharia (atual Espaço Cultural da Universidade Federal de Alagoas) e a casa do poeta Jorge de Lima, em estilo neocolonial, que é umas das poucas edificações importantes da primeira metade do século XX que ainda restam no entorno da praça. Na primeira metade do século XX a população maceioense usufruía da praça como local de lazer, banhando-se no riacho Maceió que ainda margeava um de seus lados. O historiador Felix Lima Júnior relembrou com saudosismo a utilização do riacho para fins de lazer das crianças e adolescentes:

Qual foi o menino que, fugindo, uma vez por outra, do Liceu Alagoano, [...] não tomou banho, mergulhando, dando sapatadas, ali nos fundos das oficinas da Great Western, na chamada ilha dos Chiés, antes que aquele trecho fosse aterrado? (Lima, 2014, p.p. 179-180).

Ainda em 1906 o Intendente Municipal Manoel Sampaio Marques abriu uma concorrência para elaboração da planta para a referida praça que seria julgada por uma comissão. Ficou encarregado dos desenhos, sem custo, e de sua execução o dr. Alfredo Marques. Inicialmente foram desapropriadas e demolidas três casas no seu entorno onde se gastou uma soma total de 11:000\$000. Em um segundo momento foi necessário o aterro de boa parte da praça, cujo desnível nas proximidades do rio era de quase um metro, o que onerou bastante a obra, que custou um total de 65:894\$102 (Marques, 1907). O desenho da praça contava com canteiros de grama, bancos de madeira e ferro, estátuas e placas decorativas vindas da Europa, um pequeno lago com moinho de ferro que garantia a renovação da água, cais de alvenaria com gradil, escadaria às margens do riacho Maceió e um coreto para músicas (Ver Figura 12).

⁵ No ano de 1940 o curso original do Riacho Maceió foi alterado para atender às necessidades de expansão da cidade e fez parte de uma proposta de embelezamento que pretendia dar à cidade um aspecto de desenvolvimento e imponência, tendo sido na época amplamente divulgada nos jornais locais.



Figura 13 - Praça D. Pedro II, retratada em cartão postal de circulação entre 1907/1910.
Fonte: Campello, 2009.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Efetivamente, as praças e jardins públicos foram peças chave do ideário moderno, pois eram espaços de grande visibilidade e funcionavam como “termômetros” da popularidade dos gestores. Além disso, os ideais de embelezamento e saneamento, que tinham como um de seus objetivos o desvencilhamento do passado colonial e já estavam presentes nas ações da gestão desde a segunda metade do século XIX, ainda influenciavam as ações sobre espaço público do século XX. Em Maceió, a gestão Malta representou bem esse processo em quase doze anos de poder vindo a transformar os principais espaços públicos que foram embelezados e transformados em praças ajardinadas, fazendo parte de uma proposta de dotar a cidade de ares mais modernos e civilizados.

A contratação de Rosalvo Ribeiro, recém chegado de Paris, para a elaboração dos projetos demonstra a tentativa de adaptação do modelo parisiense, símbolo da civilidade e da beleza, à nossa realidade local. Muito ainda há para se descobrir acerca da produção de Rosalvo Ribeiro nos projetos para as praças. Os desenhos dos projetos, se existiram, não foram encontrados nas pesquisas desenvolvidas pelas autoras até o momento. Esses desenhos poderiam nos revelar diversas nuances das características projetuais de Rosalvo Ribeiro do artista e da importação do modelo parisiense e sua adaptação à realidade local.

Contudo, apesar da impossibilidade dessa análise no projetual, é possível asseverar que nas obras de espaços públicos (praças) executadas durante a gestão Malta, a condução de Rosalvo

Ribeiro se revela sobremaneira no cruzamento dos eixos centrais das composições dos traçados e nos elementos decorativos de matriz estilística e procedência francesa, podendo-se dizer que nas “telas” da arquitetura e urbanismo a sua “arte” foi tão esteticamente parisiense como muitas das suas consagradas pinturas. Transformadas em cartões postais da cidade, as praças ajardinadas fizeram parte de um processo de vivenciamento e imagética formal e colorida de uma nova cidade que almejava a Modernidade e buscava um estreitamento de laços simbólicos com a civilidade europeia.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Álbum lembrança da Exposição Nacional de 1908. Rio de Janeiro.(1908). Rio de Janeiro: Editores: Chromo – Typo – Art – Nouveau.

Araújo, J. J. (1904). *Mensagem que ao Conselho Municipal dirige o Intendente da Capital Dr Joaquim José de Araújo em 1903.* Maceió: Typographia da empresa Gutenberg.

Araújo, S. G. de (2002). *Mirar a Cidade de Maceió: visões sobre as praças Mal. Deodoro da Fonseca e Mal. Floriano Peixoto no início do século XX.* Trabalho Final de Graduação, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, AL, Brasil.

Azevedo, M. K. S. (2014). *Estudo sobre a construção da paisagem das praças Dom Pedro II, Marechal Floriano Peixoto, Marechal Deodoro.* Trabalho Final de Graduação, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, AL, Brasil.

Bittencourt, E. V. (1987). *Picadas e ferroadas. Memórias.* Maceió: Edufal.

Campello, M. de F. de M. B. (2009). *A construção coletiva da imagem de Maceió: Cartões-postais 1903/1934.* Tese de Doutorado, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, Brasil.

Campos, C. L. R. T. P. (1993). *Alagoas: a pintura como produção social – trajetória e crítica (1892-1992).* Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.

Diegues , M., Jr. (1939). *Evolução urbana e social de Maceió no período republicano.* In: COSTA, Craveiro. Maceió. Maceió: Edições Catavento.

Ferrare, J. O. P. (1999). *O excelente sobrado da Avenida da Paz*. Justificativa do projeto de Restauro do Museu Theo Brandão. FAU – UFAL.

Fortes, C. N. R. (2011). *Maceió nos itinerários de Pedro Nolasco Maciel*. In: Almeida, L. S. (Org.). *Traços e troças: literatura e mudança social em Alagoas: estudos em homenagem a Pedro Nolasco Maciel*. Maceió: EDUFAL.

Leão, T. M. S. (2010). *A história da paisagem da Praça Dom Pedro II em Maceió-AL*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, Brasil.

Lima, F., Jr. (2014). *Maceió de Outrora. Volume I*. Maceió: Imprensa Oficial Graciliano Ramos.

Marques, M., S. (1906). *Mensagem que ao Conselho Municipal apresentou o Intendente Dr. Manoel Sampaio Marques em 1906 (1906)*. Maceió: Arquivo Público de Alagoas.

Moura, M., B., F. (2000). *O cenário da vida urbana: a definição de um projeto estético para as cidades brasileiras na virada do século XIX/XX*. João Pessoa: Editora Universitária UFPB.

Nogueira, A., G. (1909). *Mensagem apresentada ao Conselho Municipal da capital na sessão de 7 de janeiro de 1909 pelo Intendente Antonio Guedes Nogueira (1909)*. Maceió: Arquivo Público de Alagoas.

Silva, A. F. (2007). *O projeto paisagístico dos jardins públicos do Recife de 1872 a 1937*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, Brasil.

Tenório, D. A. (1997). *A Metamorfose das Oligarquias*. Curitiba: HD Livros.